

MOBILIZAÇÃO ESTUDANTIL SE AMPLIA E ESCANCARA CRISE DA PUC-SP

A insatisfação dos estudantes da PUC-SP com a direção da universidade adquiriu na semana passada maior proporção. Além do curso de Geografia, que já estava paralisado por conta da falta de professores, o curso de Serviço Social também paralisou as suas atividades reivindicando melhores condições de trabalho para seus docentes e solução dos problemas de inadimplência que afetam os estudantes do curso.

A semana dos estudantes de Geografia foi movimentada. Todas as noites os estudantes se reuniam para debater os rumos do movimento. As negociações entre professores, estudantes e reitoria se estenderam durante a semana com diversas idas e vindas. Os estudantes receberam informação de que foi aprovada a contratação de dois docentes por tempo indeterminado, umas das reivindicações do movimento. No entanto, em relação ao salário dos professores, o reitor afirmou que seriam contratados de acordo com a ta-

bela com menores vencimentos e sem o aumento que, segundo professores da Geografia, é acrescido ao salário de todo o professor, após completar sete meses de contrato ininterrupto. Como os professores da Geografia foram demitidos no sexto mês e recontratados não teriam direito a esse aumento.

Após negociações, a reunião do Consad aprovou a contratação de quatro professores por tempo indeterminado (veja mais página 3).

Já os estudantes do curso de Serviço Social realizaram uma assembleia na quarta-feira, 11/8, e decidiram parar o curso até que sejam atendidas as suas reivindicações (veja cobertura completa da mobilização na página 3).

PONTA DE ICEBERG

Longe de ser um fato isolado, a crise na Geografia é reflexo de uma série de situações que a APROPUC e os diversos cursos e departamentos têm denunciado. A

existência de várias tabelas de vencimentos na PUC-SP, além de desumana é ilegal, uma vez que a própria Convenção do Sinpro-SP (que a Fundação São Paulo assegura estar cumprindo) ressalta em seu item 6: "a Mantenedora não poderá contratar nenhum professor por salário inferior ao limite salarial mínimo dos professores mais antigos que possuam o mesmo grau de qualificação de quem está sendo contratado, respeitando o quadro de carreira da Mantenedora".

A existência de professores horistas (ganhando R\$ 16,81 a hora/aula, conforme explicita o documento da Geografia que reproduzimos na página 2) é degradante e atenta contra as lutas desta universidade, que historicamente se pautou pelo regime de tempo de trabalho, conforme defendia o nosso Acordo Interno de Trabalho.

A demissão de professores ao fim de seu contrato de tempo determinado é outro atentado contra os docentes, uma vez que quebra de maneira violenta toda a possibilidade de formação de um corpo docente agregado, capaz de refletir sobre as diretrizes curriculares de um curso. A prática absurda de mandar-se embora um docente tão logo termine o seu contrato, mesmo que haja a real necessidade

de sua permanência, cria uma instabilidade entre os professores, que preferem ter em seu horizonte a possibilidade de transferir-se para outra universidade, onde seu trabalho seja de fato valorizado.

O OUTRO LADO DA MESMA MOEDA

Já a mobilização dos estudantes de Serviço Social mostra o outro lado da mesma crise: sob o pretexto de saldar a sua dívida financeira, a PUC-SP reduz os salários docentes e aumenta as mensalidades dos estudantes. Assim, a inadimplência hoje é uma realidade comum entre os estudantes, principalmente em cursos como o de Serviço Social, onde estudantes carentes tentam cursar uma universidade diferenciada que lhes acene com uma perspectiva crítica de sociedade.

A APROPUC acompanhou a reunião do Conselho Departamental da Faculdade de Ciências Sociais e está atenta aos desdobramentos desta e de outras situações, pois, como ficou claro esta semana com a paralisação no curso de Serviço Social, a crise não é um fato isolado do curso de Geografia, mas reflete toda uma política de sucateamento da universidade vigente nos últimos anos.

ACORDO INTERNO DE TRABALHO

**EM MAIS UMA RODADA DE ENTREVISTAS
DOCENTES REAFIRMAM INSATISFAÇÃO
COM A ATITUDE DA FUNDAÇÃO**

Carta do Departamento de Geografia ao reitor

Magnífico reitor,

Dirijo-me a Vossa Magnificência com a certeza de que encontraremos a solução imediata dos problemas que estão gerando grande insatisfação no Departamento de Geografia, sentida por parte da chefia do departamento, da coordenação do curso, do corpo docente e discente, que se encontra paralisado desde 3/8.

Tal unanimidade decorre de problemas gerais e específicos que nos atingem e podem ser resumidamente enunciados como:

- falta de professores e materiais de apoio ao trabalho docente;

- remuneração diferenciada entre os professores, tendo em vista a remuneração de R\$ 16,81 por hora/aula para os contratados a partir de 2006;

- dificuldades no acesso à carreira docente e no processo de ascensão, que não reconhece os doutorados realizados pelos professores-mestres da instituição.

Para melhor entendimento detalhamos alguns pontos a seguir:

1 - Contratações recentes

Não fomos plenamente contemplados no pedido de contratação dos três candidatos aprovados em concurso para regência de disciplinas ainda remanescentes na área de licenciatura e bacharelado.

Os concursos foram abertos devido à necessidade de completar o seu quadro docente, que, nos últimos três anos vêm diminuindo gradativamente com a saída de professores que prestaram concursos públicos em universidades federais ou correlatas. São os casos dos professores Elvio Martin (Teoria e Método, Geografia Regional, G. Urbana), Glauco Zegna (G. Agrária, G. Econômica e Política); Diamantino Pereira (G. Econômica, G. Indústria, Ensino da Geografia); Marcos Bernardino de Carvalho, (Teoria e Método, Biogeografia, Ensino da Geografia); Jorge Barcellos (Teoria e Método, Ensino da Geografia) ao mesmo tempo em que outros entraram e passaram rapidamente pelo Departamento como professores substitutos, a exemplo da professora Maria Eliza Miranda.

Não houve o entendimento de que a chefia encaminhou uma solicitação de preenchimento de claros docentes. As bancas de concursos selecionaram os professores que deveriam compor a equipe do Departamento de Geografia. Assim, aos contratos por tempo determinado, seguiram-se os pedidos de prorrogação, encaminhados em tempo hábil, que não foram atendidos.

Como resultado, estamos com seis disciplinas sem professores e com os alunos paralisados e em assembleia permanente, para expressarem o descontentamento com esta situação, entre outras.

2 - Carreira docente

Apenas três professores do Departamento de Geografia estão na carreira docente da PUC-SP, enquanto os demais foram contratados pelo Art. 94, o que contribui para o fluxo contínuo de pessoas e propostas vividas nos últimos anos e o esforço empreendido pelo corpo docente em manter a qualidade e a atualização do curso de Geografia, frente às demandas do mundo acadêmico contemporâneo e do processo de maximização desencadeada na PUC-SP, em 2005.

3 - Reforma Curricular

A necessidade de ampliação do quadro docente decorre, também, da reforma curricular realizada para atender às novas exigências do Ministério da Educação. A partir desta reestruturação, registrou-se a diminuição da carga horária, anteriormente maior, das disciplinas relacionadas à área de Geografia da Natureza, o que tem levado os professores desta área a diversificarem suas atividades, com aulas no curso de graduação *stricto sensu* ou na especialização - *lato sensu* - junto à Cogeeae.

Este fato ajuda a compreender a nova dinâmica do Departamento de Geografia e a concentração de aulas de alguns professores em comparação aos demais.

4 - Curso de Pós-Graduação

A abertura do curso de pós-graduação demandou, igualmente, a saída de doutores da graduação para atender a este novo patamar, que tem exigido o aumento dos deveres dos envolvidos, considerando-se a necessidade de atendimento e orientação aos alunos que ingressaram.

Novas exigências surgiram com a formação de três núcleos de pesquisas na pós-graduação, que envolvem também a graduação, cujas repercussões incidem sobre a) o ensino da geografia; b) a epistemologia e história da Ciência Geográfica e c) a urbanização, o meio ambiente e as novas tecnologias.

Do exposto, fica registrada a urgência que temos em resolver os problemas que estão estagnando o movimento natural da nossa gestão e prejudicando as ações tão diligentemente por nós desempenhadas. Dentre os problemas a serem resolvidos, em curto prazo, pedimos vossa urgente intervenção para conseguirmos:

- Ampliação do quadro docente do curso de Geografia;
- Contratos de trabalho que não tenham a cláusula do tempo determinado;
- Acesso urgente à carreira docente da PUC-SP dos professores contratados pelo Art. 94 que já venceram os dois anos do período probatório.

Profª Drª Marisia Margarida Santiago Buitoni
Chefe do Depto de Geografia da PUC-SP



Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 – Sala CA 02 – Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 – **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br
– **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Victor Sousa, Caio R. Zinet e Marina D'Aquino

Fotografia: Luana Lila

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas, Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida e Victoria C. Weischtordt

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

PUC EM MOVIMENTO

Estudantes protestam durante reunião do Consad

Na reinauguração da sala P-65, a reunião do Conselho Superior de Administração da Universidade, Consad, do dia 13/8, se defrontou com uma grande manifestação estudantil. Cerca de 100 estudantes, a maioria dos cursos de Geografia, Serviço Social e Ciências Sociais, levaram faixas e cartazes, além de fazerem intervenções com o microfone.

Os estudantes de geografia fizeram uma fala explicando os motivos da paralisação do curso e apresentando suas demandas. Alegando descaso com o departamento de Geografia, os alunos exigiram contratação imediata de professores e melhor infra-estrutura para o curso.

Depois, os estudantes de Serviço Social, que também estão paralisados, expuseram suas reclamações para os dirigentes da universidade. As principais reivindicações expostas diziam respeito às altas mensalidades, que geram alto índice de inadimplên-



FLAVIODUTRA

Na reinauguração da sala P-65 a agitada sessão do Consad

cia e a volta ao corredor de Serviço Social, no Prédio Novo. Os estudantes ainda pediram anistia da dívida dos inadimplentes e gratuidade do curso.

O reitor Dirceu de Mello prontamente marcou uma reunião na segunda-feira, 16/8, para discutir as questões do curso de Serviço Social. Também foi aprovada a contratação de quatro professores para a Geografia. Durante o fechamento desta edição, os estudantes de Geografia iriam realizar uma assembleia para decidir o futuro do movimento.

AUDIÊNCIA PÚBLICA

Na sequência, um grupo de estudantes de diversos Centros Acadêmicos leu uma carta, que já havia sido protocolada no semestre passado, com um pedido de Audiência Pública. O reitor Dirceu de Mello afirmou que já havia aprovado o requerimento e marcou uma data para atender o pedido dos centros acadêmicos. A Audiência Pública será realizada no dia 2/9, no Tuca, às 19h.

ORÇAMENTO

Na reunião, também foi apresentado um balanço referente aos orçamentos e gastos da universidade no primeiro semestre de 2010. Segundo os números mostrados, a universidade não conseguiu atingir o patamar esperado na graduação, pós-graduação e Cogeeae. Apesar do reajuste de 7% nas mensalidades, o resultado foi justificado devido à redução do número de alunos. A receita não auferida gira em torno de R\$ 7 milhões.

Outro ponto polêmico da sessão do Consad foi a não aprovação de uma licença sem vencimentos. Antes, com o Acordo Interno em vigor, os professores podiam pedir a licença a partir de dois anos de casa. Os gestores decidiram não conceder a licença nem em casos com mais de cinco anos de casa, o que contraria inclusive a convenção coletiva da categoria.

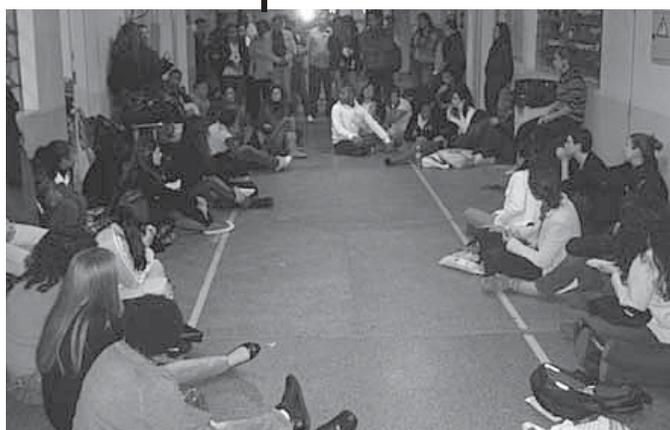
Estudantes do Serviço Social também paralisam curso

Além do curso de Geografia, paralisado desde o dia 3/8, os estudantes de Serviço Social também decidiram em reunião, no dia 11/8, não entrar em sala de aula como forma de protesto, reivindicando que a direção da PUC-SP atente aos problemas do curso e da universidade.

Os principais pontos levantados pelos estudantes são relativos à mensalidade, pois muitos alunos não têm condições de pagar pelo curso. Somado a isso, o número de bolsas concedidas pela universidade é irrisório e tornam o nível de inadimplência ainda maior. Ainda sobre as mensalidades, há uma diferença de valores pagos por alguns estudantes, que, após a transferência de curso de outras instituições para a PUC-SP, permanecem pagando o valor da outra universi-

dade, criando uma discrepância em que alguns pagam R\$400,00 e outros R\$800,00. Neste sentido os estudantes da PUC-SP reivindicam anistia aos inadimplentes e gratuidade no curso.

Os estudantes também reivindicam a retomada do corredor do primeiro andar do Prédio Novo, que agora está sendo utilizado por outros cursos. A maioria das aulas foi remanejada de salas, deixando o corredor para salas menores, devido à inadimplência estudantil. De acordo com as normas da universidade, os inadimplentes não podem assistir aula. Isso faz com que o número de alunos regularmente matriculados seja menor do que aquele presente em salas de aula. Com a superlotação das salas e o desconforto gerado, as aulas perdem o seu rendimento normal.



FLAVIODUTRA

Estudantes de Serviço Social em assembleia no corredor da faculdade

ATO CONJUNTO

Os estudantes paralisados, do curso de Serviço Social e Geografia, decidiram realizar um ato conjunto, no dia 12/8. Os alunos dos dois cursos percorreram os corredores da universidade realizando

um "apitazo", para divulgar suas reivindicações para toda a comunidade puquiana. Embora existam reivindicações específicas, a paralisação dos dois cursos evidencia a crise de sucateamento da educação e mercantilização do ensino, que a universidade está passando.

Mais opiniões docentes sobre a recusa da Fundação em discutir o Acordo Interno

Nesta semana, continuamos com a série de entrevistas com os professores da PUC-SP sobre a não renovação do Acordo Interno de Trabalho. A posição da maioria dos entrevistados reflete a insatisfação da categoria com a perda de conquistas históricas e conclamam a Fundação São Paulo para que retorne às negociações. Veja abaixo os novos depoimentos.

Marisia Buitoni

Chefe do Departamento de Geografia

"Eu sou favorável ao Acordo Interno e entendo que se ele existisse nós não estaríamos lutando por contrato por prazo indeterminado. Estamos lutando por algo que era contemplado no antigo Acordo Interno. Entendo a paralisação dos alunos como um movimento legítimo, porque eles estão sem aula. O Acordo Interno faz parte de uma tradição da PUC-SP e que nós não podemos caminhar para a vala comum das escolas particulares. O Acordo Interno nos diferencia."

Sandra Lunardi Marques

Faculdade de Educação

"Sou mais uma professora indignada com a intransigência da Fundação São Paulo. Sofro na pele, como todos os professores, as perdas decorrentes da não renovação do Acordo Interno de Trabalho, dentre elas o pesado fardo da maximização. Nosso desempenho profissional, fundado no ensino e na

pesquisa, está ameaçado, o que não significa que desistamos dele."

Rosa Maria Marques

Departamento de Economia da FEA

"Eu acho um descalabro, pois quando os trabalhadores têm um Acordo Interno e deixam de tê-lo, sofrem uma grande derrota. O Acordo Interno da PUC-SP ultrapassava os direitos assegurados nos acordos celebrados entre patrão e sindicato".



Vera Chaia

Coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais

"O rompimento do Acordo Interno de Trabalho por parte da Fundação significa um retrocesso nas relações de trabalho estabelecidas entre a nossa associação e os empregadores. Considero importante a retomada das negociações, pois a PUC-SP possui especificidades e uma história de reconhecimento destacada frente às outras instituições de ensino. Nessa linha tem sido relevante a luta trabalhista, a sensibilidade das Reitorias e a criação de um espaço democrático de convivência e respeito mútuo."

José Salvador Faro

Professor do Departamento de Jornalismo e Diretor do Sinpro-SP

"Considero um retrocesso em termos trabalhistas a recusa da Fundação em negociar o novo Acordo Interno. As instituições mais avançadas procuram negociar com seus funcionários cláusulas coletivas mais vantajosas que as Convenções Coletivas. Nesse sentido o Acordo Interno constitui um aprimoramento da Convenção sindical que deve beneficiar os professores de maneira específica. Nem sempre este aprimoramento significa mais despesas, muitas vezes ele representa melhores condições de trabalho, sem que a instituição tenha que gastar com isso. Essa recusa, porém, não me espanta, porque a PUC-SP vem cometendo uma série de irregularidades, como o pagamento incorreto do reajuste salarial de 2005. A administração da universidade não cumpriu a lei, atrasando o reajuste salarial e agora apresenta aos professores este acordo que envergonha a tradição da universidade."

Regina Rizzo Ramires

Departamento de Geografia

"Penso que a recusa da renovação do Acordo é lamentável e nos coloca diante de uma situação delicada, pois reafirma o caráter unilateral das decisões na Instituição, empobrecendo as relações com o corpo docente, o qual tem sido, historicamente, relevante na consolidação do papel social

da Universidade não apenas no Brasil, mas internacionalmente.

Portanto, discutir o Acordo Interno não é apenas uma formalidade sindical e sim o reconhecimento da identidade de uma trajetória própria da PUC-SP."



Rachel Rachielis

Professora da Pós-Graduação em Serviço Social e ex-reitora acadêmica da PUC-SP

"Eu acho um equívoco o rompimento, pois quebra com o diálogo histórico que a Fundação e a Reitorias sempre tiveram com a APROPUC. A PUC-SP sempre foi uma referência para as conquistas e as melhores condições de trabalho na atividade docente para todas as universidades brasileiras, inclusive as públicas. Então isso nos entristece muito, em função de que é um momento muito difícil que vivemos na universidade na relação com a Fundação e esperamos que ela reconsidere e restabeleça o diálogo para retomar as aulas e trabalhar com mais tranquilidade do que estamos agora."

GAUCHE NA VIDA

EUA: tendência ao declínio, mas sem perspectivas de transformação

James Petras

Quando examinamos o panorama em larga escala e longo prazo, fica evidente que o império estadunidense está em um declive crônico e não catastrófico. Em uma tendência de queda. E isso tem a ver com o fato de que a China investiu muito no setor manufatureiro que, nos últimos tempos, se expande das indústrias litorâneas para o interior, com enormes inversões em ferrovias, aviões, transporte marítimo etc. Já nos EUA o setor financeirizado domina parasitariamente o produtivo, deixando cidades como Detroit e outros centros industriais devastados.

É preciso fazer um giro pelas principais cidades industriais para ver como ficaram. Por exemplo, os espaços de indústrias estão totalmente abandonados. Quadras e quadras de fábricas. É como se tivesse caído uma bomba nuclear. Só ficam os esqueletos das construções. Mais adiante, casas e mais casas, quadras de casas abandonadas. Centros de lazer também abandonados ou em decadência. Algumas construções antes premiadas como obras arquitetônicas, agora são ocupadas por camundongos e dependentes de drogas. É o que se vê mais facilmente em Detroit. Mas em outros centros industriais, a paisagem é muito parecida.

Enquanto isso, Wall Street prospera e os financistas de Nova York e Los Angeles estão muito bem. Um turista que visita, por exemplo, Manhattan, vai ao teatro, a algum museu, pode perguntar: "O que diz Petras? É falso! Veja as exposições, os ricos, os restaurantes cheios". Mas esta visão turística é muito

parcial, muito limitada e não leva em conta o que está acontecendo com milhões de trabalhadores e todo o setor industrial.

Existe um perigo aí, pois os EUA, devido a seus problemas internos, não podem competir com a China. Em razão de suas estruturas parasitárias, começam a culpar a China, afirmando que existe um comércio desigual; uma concorrência desleal; que os chineses utilizam mão-de-obra barata; que não aceitam investimentos estadunidenses no setor financeiro.

Naturalmente, os chineses não querem passar pela experiência de Wall Street. Por isso impõem restrições a esses investimentos. A China não tem qualquer força militar guerreando no exterior, mas apenas forças armadas defensivas. Já os EUA gastam 900 bilhões de dólares por ano, além das subvenções a Israel etc. E isto prejudica a economia civil. Enquanto a China canaliza recursos para os mercados externos, os EUA gastam o que não tem retorno em bases militares. Possuem 850 bases militares no exterior, distribuídas em cem países. A China não tem uma única base militar em qualquer país. Enquanto os EUA constroem bases, a China constrói ferrovias, portos.

Enquanto os EUA decaem, a China ascende. Daí a constante gritaria para se adotarem represálias contra a China. Eis a ameaça: um imperialismo incapaz de reconhecer suas próprias responsabilidades projetando todos os seus defeitos para fora e fazendo da China um bode expiatório.

E aqui nos EUA alguém pode perguntar: por que as pessoas não reagem a isso, por que baixam a cabeça e continuam trabalhando em dois, três empre-

gos na tentativa de manter o padrão de consumo? Como entender isso é o grande desafio. Em pleno declínio, em pleno empobrecimento, não existe qualquer mobilização dos negros, que sofrem um desemprego de 20%, pior durante o governo Obama do que no de Bush.

No ano e meio do governo do presidente negro que supostamente ajudaria os negros, não existe qualquer programa contra a pobreza, por emprego etc. E por que os negros não se levantam?

É um problema de falta de consciência política ou, pelo menos, de consciência política que não se expressa em organizações políticas. Não temos dirigentes políticos que possam mobilizar as pessoas e explicar-lhes que o problema não vem da China, nem dos iranianos, mas de sua própria classe dominante.

Existem políticos entre os negros, mas estão vinculados aos partidos tradicionais, especialmente o Partido Democrata, cujo papel é simplesmente controlar as massas, colocando em alguns pequenos cargos os que demonstram alguma aptidão para isso.

Os hispânicos estão muito descontentes porque não receberam qualquer recompensa por seu voto em Obama e continuam as restrições no tratamento aos imigrantes. Agora, no estado do Arizona, a polícia tem o direito de parar qualquer pessoa a qualquer momento e exigir sua identificação. É algo insólito. Quando vê latinos ou pessoas de pele caracteristicamente tostada, a polícia salta dos carros, para essa pessoa e, se elas não têm os documentos, são levadas à delegacia e começa o interrogatório.

Existem casos de cidadãos estadunidenses de origem latino-americana há três gerações, que possuem residência, têm emprego, e são parados nas ruas do Arizona, onde há 500 mil imigrantes sem documentos.

É terrível, mas é como a classe dominante manobra aqui. Trata-se de projetar os problemas no exterior, no outro. Ou é a China ou são os mexicanos que cruzam a fronteira. E não existem lideranças políticas que falem claramente: "Vejam, não são os mexicanos que estão tomando os postos de trabalho. São os capitalistas que não estão investindo para criar os empregos".

Esta é a situação de um império em decadência, mas que não está no ponto de ser transformado.

James Petras é professor emérito da State University of New York at Binghamton. Autor de *Zionism, Militarism and the Decline of US Power*. Atlanta: Clarity Press, 2008 e *Entre a insurreição e a reação: a busca do "capitalismo normal"* de Evo Morales. ponto-e-vírgula, 2, 2007 (<http://www4.pucsp.br/ponto-e-virgula/n2/pdf/04-petras.pdf>).

Este texto é parte da entrevista concedida à CX36 Radio Centenario, de Montevidéu, em 19/04/2010. Edição e tradução de Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida.

Nesta sessão, apresentaremos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana, de preferência no plano internacional. Se você tiver contribuições para os próximos números, mande por (nosso espaço comporta, no máximo, 5000 caracteres, com espaço).

70 anos da morte de León Trotsky

Erson Martins de Oliveira

No dia 20 de agosto de 1940, Ramón Mercader esperou que Trotsky pusesse os olhos em um artigo para corrigi-lo e imediatamente retirou de seu casaco uma picareta de alpinista golpeando-o na cabeça. No dia seguinte, 21 de agosto, o cérebro do velho militante russo cessa suas funções. O dia 20 de agosto de 1940 ficará marcado na história como um dia de infâmia. Ramón Mercader foi preparado pelo serviço secreto do Kremlin, a mando de Josef Stálin, para assassinar um dos mais elevados líderes da Revolução Russa.

León Davidovich Bronstein, Trotsky, nasceu em 8 de novembro de 1879. Em 1897, já com 18 anos, fundou a Liga Operária do Sul da Rússia. Desde então mergulhou na luta revolucionária sem interrupção. Cumpria 40 anos de militância e contava com 61 anos de idade quando o agente de Stálin arrancou-o da vida num ato de covardia extrema.

Desde cedo, Trotsky mostrou ter luz própria. Os escritos dedicados à Revolução de 1905, quando contava com 26 anos, expressaram o domínio do marxismo, de forma que pôde expor com precisão as leis da história e, conseqüentemente, os fundamentos programáticos da revolução proletária em país de economia atrasada. Partindo dos estudos do desenvolvimento econômico e social da Rússia, entrelaçado com a economia mundial, elaborou a teoria da revolução permanente. Considerava que as tarefas democráticas da re-

volução burguesa na Rússia semi-feudal não mais poderiam ser resolvidas pela classe capitalista e sim pelo proletariado organizado em seu partido. A revolução de fevereiro de 1917 comprovou essa tese. O proletariado, unido às massas camponesas, tomou o poder em outubro de 1917, começando por cumprir a tarefa democrática de liquidação da servidão e entrega das terras nacionalizadas para os trabalhadores do campo.

As divergências com Lênin e as incompreensões sobre a concepção de partido foram superadas assim que a estratégia da revolução social e suas tarefas se materializaram no processo insurrecional. As formulações programáticas de 1905 de Trotsky se confirmaram, bem como se confirmou a concepção de Lênin sobre o partido, constituída desde 1902. No momento em que se evidenciou plenamente que o programa do bolchevismo e sua ação revolucionária estavam encarnados pelas massas, Trotsky incorporou-se ao partido e se tornou um de seus principais dirigentes.

No quadro da 1ª Guerra Mundial e da guerra civil, a revolução triunfou, porém no seio de um país despedaçado e soterrado em escombros. As tarefas do Estado operário eram imensas. Desde logo, Lênin reconheceu que a maior dificuldade não estava em conquistar o poder, mas sim edificar a economia socialista. O isolamento da revolução poderia ser fatal. Esperava-se que a Alemanha revolucionária liquidasse o poder de sua burguesia e rompesse mais um elo da cadeia capitalista. O internacionalismo pro-

letário era condição essencial para evitar a sufocação da nova economia assentada na propriedade coletiva dos meios de produção. A revolução na Alemanha não ocorreu e o cerco imperialista a União das Repúblicas Soviéticas se agigantou.

É no âmbito do isolamento da revolução e das tendências capitalistas internas que irromperá no partido comunista russo duas frações: a de Stálin que se manifesta como revisionista do programa internacionalista e a de Trotsky que se coloca por aplicá-lo sob as novas condições econômicas e da luta de classes mundial. Em 1924, data da morte de Lênin, aprofunda-se a divisão entre essas duas posições. Stálin formula com precisão a "teoria do socialismo em um só país" e qualifica o trotskismo como um perigo para a revolução. Retomam-se as divergências superadas entre Lênin e Trotsky para caracterizar o trotskismo como menchevismo. Na realidade, constituía-se o estalinismo como expressão política e social de uma burocracia, em cuja base estavam as tendências embrionárias da restauração capitalista. A "teoria do socialismo em um só país" comparece como negação da orientação internacionalista e enfraquece a organização do proletariado como força motriz da construção socialista.

Em oposição a essa linha, em outubro de 1927, Trotsky foi expulso do partido comunista. Em janeiro de 1928, o revolucionário foi desterrado para o Turquestão. No início de 1929, Trotsky foi expulso do país e exilado para a Turquia, acusado de atentar

contra o poder do Soviete. A perseguição a Trotsky e sua família se tornou infundável. Em janeiro de 1937, o México acolheu Trotsky, sendo esta a última parada na sequência de expulsões. Os processos de Moscou da década de 30 indicaram a política da burocracia estalinista de se livrar da oposição por meio de assassínatos. Trotsky constituía um perigo, apesar da Oposição de Esquerda russa ter sido derrotada e a IV Internacional, fundada em 1938, padecer de enorme debilidade organizativa.

Por que então assassinar um homem confinado em Coyoacán? A razão está em que a luta contra a burocratização do Estado Operário e os crimes do estalinismo, no quadro da 2ª Guerra Mundial, davam às posições de Trotsky a possibilidade de se potencializarem no seio do proletariado russo e internacional. Toda a liderança do partido bolchevique de 1917 já havia sido decapitada. A ascensão de Hitler, os acontecimentos da Guerra e o desenvolvimento das tendências restauracionistas do pós-guerra na União Soviética vivificaram as teses do internacionalismo proletário de Trotsky. A restauração capitalista que eclodiu em fins da década de 80 e a destruição da União Soviética confirmam, desgraçadamente, as teses do livro "A Revolução Traída". A obra de Trotsky permanece viva como parte da obra de Marx/Engels/Lênin e outros grandes revolucionários.

Erson Martins de Oliveira é professor da PUC-SP e ex-diretor da APROPUC

MOVIMENTOS SOCIAIS

Congresso de Serviço Social realiza ato pela sanção da PL de 30 horas

Entre os dias 31/7 e 5/8, aconteceu o XIII Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. O tema do encontro foi *Lutas sociais e exercício profissional no contexto da crise do capital: mediações e a consolidação do projeto ético-político do Serviço Social*. O evento reuniu cerca de três mil profissionais e estudantes da área.

O Congresso ainda organizou um ato que, entre outras pautas, defendeu a aprovação do PL de 30 horas. Cerca de três mil pessoas estavam presentes, entre assistentes sociais e outras entidades de trabalhadores, como os funcionários do judiciário, em greve a mais de 100 dias, e de movimentos sociais, como o MTST e o movimento indígena. Após a manifestação, no dia 3/8, o projeto de lei foi aprovado no Senado.

O presidente Lula tem



Em Brasília ato dos assistentes sociais reúne mais de três mil pessoas

até o dia 24/8 para sancionar a lei e entidades empresariais têm se manifestado contrárias ao PL 30 horas. Por essa razão a categoria continua em mobilização para que os direitos dos mais de 60 mil assistentes sociais sejam garantidos.

As professoras Maria Beatriz Abramides e Maria Carmelita Yazbek participaram do encontro, assim como alguns estudantes do curso de Serviço Social da PUC-SP.

ABAIXO ASSINADO

As diversas entidades representativas do Serviço Social estão organizando um abaixo assinado para que o presidente Lula sancione o PL 30 horas, que prevê a jornada de 30 horas para assistentes sociais, sem redução de salário. O manifesto já conta com mais de 10 mil assinaturas e pode ser assinado no site www.abaixoassinado.org/abaixoassinados/6738.

Morte de Florestan Fernandes completa 15 anos

Há 15 anos, no dia 10 de agosto de 1995, morreu o sociólogo Florestan Fernandes, referência no desenvolvimento metodológico e científico da sociologia. Florestan nasceu em 1920, deixou mais de 50 obras, foi deputado federal constituinte, eleito pelo Partido dos Trabalhadores.

Punido pela ditadura militar, amargou o exílio. Em seu retorno, a única universidade que o aceitou foi a PUC-SP, através da então reitora Nadir Kfourri.

Florestan recebeu diversas homenagens, dentre as quais a mais significativa foi a criação da Escola Nacional Florestan Fernandes, referência na formação de quadros para os movimentos sociais no Brasil e em todo o mundo.

Servidores do Judiciário completam 106 dias de greve

Os servidores do Judiciário, em greve há 106 dias, realizaram nova assembleia na Praça João Mendes, no dia 11/8. Durante a reunião, os quase mil servidores reafirmaram a necessidade e a importância da paralisação, e determinaram quais serão os próximos passos do movimento.

A categoria está em greve desde o dia 28/4, reivindicando a recomposição anual das perdas inflacionárias não cumpridas pelo Tribunal de Justiça há dois anos e prevista na Constituição

Federal, dívidas de férias, licença-prêmio, fator de atualização monetária, entre outros.

O movimento vem sendo duramente reprimido. Durante a ocupação promovida pelos grevistas no Fórum João Mendes, a Polícia Militar cortou a água, não permitiu a entrada de alimentos, impedindo a continuidade da ocupação. A greve também é alvo da justiça que determinou a sua ilegalidade, medida que foi revertida pelos grevistas.

Dois homossexuais são assassinados em Campinas

Em menos de duas semanas, dois homossexuais foram mortos em Campinas, vítimas de racismo. No dia 10/7, Jhonatan, de 17 anos, foi agredido com uma garrafada na cabeça, por um garçom, na Praça Bento Quirino, tradicional local de encontro LGBTT. Segundo relatos, o motivo da agressão foi porque o rapaz estava trocando demonstrações de carinho com seu parceiro no estabelecimento.

No dia 24/7, a travesti Camille, ativista do gru-

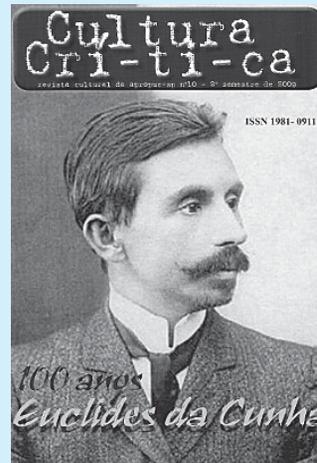
po Identidade, do movimento LGBTT, foi vítima de um brutal assassinato. Seu corpo foi encontrado desfigurado por agressões, e testemunhas viram quando um homem atirou seu corpo numa valeta. Ela foi levada para o Hospital Municipal Mário Gatti como indigente, até que foi reconhecida por uma funcionária do hospital. Camille entrou em processo de morte cerebral e acabou por falecer. O agressor pagou fiança e foi liberado pela polícia.

ROLA NA RAMPA

Debate marca o Lançamento da revista Cultura Crítica

No dia 31/8, no auditório 333, às 19h30, será realizado o lançamento da 10ª edição da revista **Cultura Crítica**, da APRO-PUC, com o tema 100 anos de Euclides da Cunha. Para o estão confirmadas as presenças de João Batista Teixeira da Silva, Erson Martins de Oliveira, Celina Leal dos Santos, Rachel Aparecida Bueno da Silva e João Hilton Sayeg-Siqueira. No editorial da revista,

João B. Teixeira da Silva, organizador da edição, explica o projeto. "A revista **Cultura Crítica** não poderia deixar de participar da celebração do centenário da morte de Euclides da Cunha - personagem cuja utopia era a união solidária e melhores condições de vida para todos. Digo utopia porque ainda hoje assistimos ao descalço político em relação aos flagelados da seca, à reforma agrária, às populações em condições miseráveis nas



periferias das grandes cidades. Um século se passou, mas o sonho euclidiano parece estar ainda mais distante".

A revista conta com artigos de pesquisadores contemporâneos da obra euclidiana, três artigos históricos e uma entrevista com Erson Martins, que também editou a obra. A APRO-PUC distribui exemplares da revista, gratuitamente, para os professores associados.

Documentário aborda vida e obra de Carmen Junqueira

No dia 30/8, às 19h30, no auditório Paulo Freire (mezanino do TUCA), será realizado o lançamento do documentário **Carmen Junqueira - Kamaiurá, a antropologia menor**. O documentário aborda a produção da antropóloga, fundadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. O vídeo

aborda a questão dos Kamaiurá, a qual Junqueira dedicou boa parte de sua vida e obra. Além disso, o vídeo conta com depoimentos de Betty Mindlin, Lucia Helena Rangel, Rinaldo Arruda e Roberto Gambini. A realização é do Programa de Pós em Ciências Sociais, do Núcleo de Sociabilidade Libertária e da TV-PUC.

Curso de orientação profissional para funcionários

A DRH (Divisão de Recursos Humanos) e a Clínica Psicológica da PUC-SP convidam os funcionários administrativos da PUC-SP para o serviço de Orientação Profissional. O objetivo é realizar uma escolha profissional consciente, certificar-se da escolha feita e ampliar as informações sobre profissões. No total, serão reali-

zados dez encontros, sempre às quintas-feiras, das 19h às 20h40, a partir do dia 26/8. Os grupos serão supervisionados pela professora Patrícia Mortara (Psicologia). Para participar, entre em contato com a secretaria da Clínica Psicológica, nos telefones (11) 3670 8040/ 8041, entre os dias 12 e 25/8.

Participe do 21º Encontro de Ex-alunos

O prazo para as adesões do 21º Encontro de Ex-Alunos foi prorrogado para o dia 16/8. Além disso, a organização confirmou a apresentação musical da dupla Duo-fel. O evento acontecerá no dia 26/8, às 20h, no Tucarena. O encontro é promovido pelo Centro de Ex-Alunos da PUC-SP. Na ocasião, serão destacadas as turmas que completam 30, 25, 20, 15,

dez e cinco anos de formatura. Também será realizada uma homenagem para os ex-professores que lecionam desde os anos 50 e 60 na universidade. Para votar, acesse www.pucsp.br/exalunos. Para confirmar presença, envie um e-mail para ex-alunos@pucsp.br ou ligue para (11) 3670-8287. As adesões devem ser confirmadas até o dia 11/8.

Mario Sérgio Cortella lança livro sobre política

Duas atividades marcam o lançamento do livro **Política: para não ser idiota**, do professor Mario Sérgio Cortella (Educação da PUC-SP) e Renato Janine Ribeiro (Filosofia da USP). No dia 20/8, às 17h, na Bial do Livro de São Paulo, que este ano acontece no Anhembi, os autores iram participar do debate Mundo da Política, Mundo da Cidadania, com o jornalista Gilberto Dimenstein e o professor Luiz Felipe Pondé (Teologia). No dia 24/8, às 19h, também será realizado um debate na Livraria Cultura do Conjunto Nacional (Avenida Paulista, 2073).

Central de Estágios realiza 9ª Semana de Recrutamento

Nos dias 24 e 25/8 será realizada a 9ª Semana de Recrutamento, promovida pela Coordenadoria Geral de Estágios. No campus Perdizes, o evento ocorre das 10h às 12h30 e, das 17h30 às 21h, na quadra de esportes. Já no campus Consolação, será realizada das 9h30 às 12h30 e, das 18h às 21h (na entrada do Edifício Principal). O evento visa integrar alunos e organizações de destaque no mercado de trabalho. Objetiva, também, a inserção dos alunos da PUC-SP no desenvolvimento da prática profissional e geração de renda.

Projeto arrecada fundos para moradores de rua

Para arrecadar fundos para o Projeto Gastronomia Solidária, que trabalha com moradores de rua e pessoas carentes, através de oficina, proporcionando treina-

mento e capacitação para o mercado de trabalho, será realizado o evento Noite Solidária, com show da banda Beatles-friends, no dia 11/8, às 20h, no Tucarena.